

MANUEL VALENTE ALVES

HISTÓRIA *da* MEDICINA *em* PORTUGAL

Origens, ligações e contextos



 Porto
Editora

ÍNDICE

Agradecimentos 13

Introdução 15

Capítulo 1

ORIGENS – *Misticismo e conceitos*

[01] As medicinas primitiva, egípcia, indiana, chinesa e pré-colombiana –
Espíritos, religiões e sistemas 20

Capítulo 2

ANTIGUIDADE – *Filosofia e humores*

[02] A medicina grega –
Filantropia e filotecnia 28

[03] A medicina em Alexandria e Roma –
Continuidade da cultura helénica 34

Capítulo 3

IDADE MÉDIA – *Fé e saberes*

[04] Oriente e Ocidente –
A divisão do Império Romano 40

[05] Medicina monástica e ensino escolástico –
Cosmologia e antropologia cristãs 42

[06] A medicina árabe –
Cruzamento de saberes e culturas 44

[07] A Escola Médica de Salerno, as Cruzadas e as primeiras universidades –
Centralidade da orla mediterrânica 48

[08] As universidades de Bolonha, Pádua e Montpellier –
Intercâmbio e livre circulação de ideias 50

[09] *Thesaurus Pauperum* –
Um livro escrito a pensar nos doentes pobres 54

[10] Fundação da Universidade em Portugal –
Um movimento eclesiástico 56

Capítulo 4

SÉCULOS XV E XVI – Imaginação e espelhos

- [11] Os Descobrimientos portugueses –
Reinventar o corpo do mundo 60
- [12] O políptico de Lisboa –
Arte, sentimento e identidade coletiva 66
- [13] Um mundo em mudança –
Reforma protestante e jogo político 68
- [14] A iatrofísica e a iatroquímica –
Pilares da medicina moderna 70
- [15] A cultura visual do Renascimento –
Teoria da arte, mimetismo, imaginação 74
- [16] O Hospital de Todos os Santos, as Misericórdias,
os médicos de partido e o ensino da anatomia –
Promover a saúde e elevar o progresso social 90
- [17] Os médicos portugueses estrangeirados –
Diáspora judaica, sentido de missão e cosmopolitismo científico 94

Capítulo 5

SÉCULOS XVII e XVIII – Objetividade e subjetividades

- [18] A Revolução Científica –
Deus não é a natureza 100
- [19] D. Sebastião e a grande crise dinástica portuguesa –
O domínio filipino 106
- [20] Nascimento do Estado-nação –
Um ‘nós’ subjetivo 107
- [21] Tratados anatómicos –
A beleza do rigor 108
- [22] Da fisiologia à patologia –
Mecanicismo, *flamma vitalis* e organicismo 114
- [23] A clínica e as doutrinas vitalistas –
Renovação da tradição hipocrática 122
- [24] A medicina seiscentista em Portugal –
Conservadorismo prudente 128
- [25] A reforma pombalina –
Símbolo do poder do iluminismo real 129
- [26] De Leibniz a Kant –
A nova teodiceia e a dialética da razão 138
- [27] A Junta do Protomedicato e a fisicatura-mor –
Certificação e regulação profissional 143
- [28] A Escola de Anatomia Portuguesa –
Formar cirurgiões hábeis 145

Capítulo 6

SÉCULO XIX – Razão e enigmas

- [29] Liberalismo, romantismo e naturalismo –
A ideia de progresso social e a cultura da subjetividade 150
- [30] A mente e o cérebro –
Desvios, cruzamentos, sinapses 154
- [31] A Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa –
Rever o estatuto socioprofissional dos médicos 166
- [32] A imprensa médica portuguesa –
Atualização e promoção da investigação científica 167
- [33] A Reforma Passos Manuel –
Antecipação das políticas sanitárias europeias 168
- [34] O movimento sanitarista inglês –
Nascimento da moderna epidemiologia 170
- [35] A teoria germinal, a antissepsia e a assepsia –
Explicar e prevenir as infeções 172
- [36] A Real Escola de Cirurgia e a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa –
Equiparação da Escola à Universidade 174
- [37] A Real Escola de Cirurgia e a Escola Médico-Cirúrgica do Porto –
Descentralização do ensino médico 178
- [38] A Escola Médico-Cirúrgica de Goa –
Formação de profissionais para as colónias 183
- [39] A Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra –
Vontade de investigar e cruzar saberes 184
- [40] Epidemias em Portugal –
Um perigo invisível 186
- [41] As reformas da saúde e o urbanismo em Lisboa –
Hospitais, organização e integração sanitária 194
- [42] O termómetro, o estetoscópio e o esfigmomanómetro –
Instrumentos da clínica 204
- [43] O microscópio, a fotografia e o raio X –
Instrumentos da investigação 208
- [44] A microscopia e a ilustração médicas em Portugal –
Pioneiros da histologia, fotógrafos e desenhadores 215
- [45] A seleção natural e a experimentação animal –
Elos de ligação biológica 220
- [46] O nascimento do Estado-providência –
Revolução no conceito de Estado e de solidariedade social 222
- [47] Queratoscópio de Plácido –
O primeiro oftalmómetro 224

- [48] O Laboratório Bacteriológico de Lisboa –
Produção de vacinas e investigação científica 226
- [49] Estudos oftalmológicos, osteológicos e histológicos em Lisboa –
Investigação clínica e experimental 228
- [50] O Instituto Central de Higiene –
Formação e investigação em saúde pública 230
- [51] A Johns Hopkins University nos EUA –
Um novo modelo universitário 232
- [52] Os enfermeiros e os profissionais das tecnologias da saúde –
Formação e integração interdisciplinar 234
- [53] As primeiras empresas farmacêuticas em Portugal –
Produção industrial de medicamentos e investigação científica 237
- [54] *Antero de Quental e A Vida* –
Duas projeções melancólicas do fim de século português 238

Capítulo 7

SÉCULOS XX E XXI – Opacidade e transparências

- [55] O fim da Monarquia, a I República, a I Guerra Mundial e a Ditadura Militar –
Retrato do país e do mundo em crise 242
- [56] A Direção-Geral de Saúde –
Conceção e coordenação das estratégias de saúde pública 251
- [57] A Assistência Nacional aos Tuberculosos –
Organizar o combate a uma doença devastadora 253
- [58] As assistências materna e infantil em Portugal –
Primórdios de uma história de sucesso 260
- [59] A Escola de Medicina Tropical –
Ensino e investigação das doenças ultramarinas 262
- [60] O positivismo português –
Entre a prudência jurídica e o otimismo higiénico 263
- [61] O XV Congresso Internacional de Medicina –
'Estado da arte' da medicina científica no mundo 266
- [62] A Sociedade de Ciências Naturais e a Sociedade Portuguesa de Biologia –
Promover a investigação interdisciplinar 268
- [63] A Faculdade de Medicina de Lisboa e o Hospital Escolar de Santa Marta –
Emergência da geração médica de 1911 270
- [64] A Faculdade de Medicina da Universidade do Porto –
Histologia, anatomia, ciências morfológicas 288
- [65] Os Hospitais da Universidade de Coimbra –
Clínica, cirurgia cardíaca, transplante de órgãos 296
- [66] Os Hospitais Cíveis de Lisboa –
Banco de urgência, cirurgia, modelo de internatos 301

- [67] A Escola de Histologia Portuguesa –
Histologia, embriologia, medicina molecular 304
- [68] O Instituto de Bento da Rocha Cabral –
Apoio privado à investigação nas ciências biológicas 306
- [69] A Junta de Educação Nacional –
Apoio estatal à investigação científica 308
- [70] O aparecimento da insulina e dos antimicrobianos –
Revolução na terapêutica médica 309
- [71] A Associação dos Diabéticos Pobres –
Pioneira na luta contra a diabetes 311
- [72] A Escola de Angiografia Portuguesa e a nova imagiologia –
Ver o interior do corpo vivo 312
- [73] O desenvolvimento dos psicofármacos –
Eficácia no controlo das doenças da mente 319
- [74] Da vitamina C ao fator VIII recombinante –
Uma espiral de inovações farmacoterapêuticas 322
- [75] O eletrodiagnóstico e a eletroterapia cardíacos –
Potencialidades da eletrologia 325
- [76] Descoberta das hormonas –
Os mensageiros químicos do corpo 327
- [77] O Estado Novo –
Institucionalização da ditadura militar 328
- [78] A leucotomia pré-frontal –
Primeiro tratamento cirúrgico de doentes psicóticos 330
- [79] Combate à lepra em Portugal –
Impedir a disseminação da doença 333
- [80] As técnicas de suporte artificial da vida –
Ligações organismo-mecanismo 336
- [81] A evolução da cirurgia –
Da ablação à reconstrução de tecidos e órgãos 338
- [82] As doenças de Andrade e de Machado-Joseph –
Genética e epidemiologia 342
- [83] A Ordem dos Médicos –
Ética, deontologia e qualificação profissional 344
- [84] A II Guerra Mundial e o *Welfare State* –
Guerra e paz 346
- [85] A Exposição do Mundo Português –
Nostalgia imperial 350
- [86] O Centro Sofia Abecassis –
Solidariedade social, investigação e assistência 352
- [87] A Faculdade de Medicina de Lisboa e o Hospital de Santa Maria –
Novos contextos e mudanças 354

- [88] O Instituto de Higiene e Medicina Tropical –
Desenvolvimento da investigação e do ensino pós-graduado 366
- [89] A cidade, o corpo e a luz –
Um retrato de Lisboa 368
- [90] A pílula e a procriação assistida medicamente –
Revolução na sexualidade e na reprodução humanas 370
- [91] O *Relatório das Carreiras Médicas* –
Reestruturar o exercício da profissão médica 371
- [92] A Fundação Calouste Gulbenkian –
Arte, cultura e investigação científica 372
- [93] O Programa Nacional de Vacinação –
Implementar uma estratégia da Organização Mundial de Saúde 374
- [94] A Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica –
Promover a atividade científica em Portugal 376
- [95] A imprensa médica em Portugal –
Divulgação científica e informação socioprofissional 377
- [96] Guerra colonial, crises académicas e primavera marcelista –
O começo do fim do Estado Novo 378
- [97] O Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge –
Promover a investigação em saúde pública 380
- [98] Separação das carreiras universitária e hospitalar –
Um problema dos hospitais escolares 382
- [99] Revolução de abril, descolonização e integração europeia –
Reconfiguração do mundo português 384
- [100] A saúde em Portugal durante a revolução –
Um pacto político 386
- [101] A Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa –
Necessidade de formar mais médicos 390
- [102] A medicina geral e familiar –
Especialidade centrada nos cuidados de saúde primários 392
- [103] A Declaração de Edimburgo e a Iniciativa de Lisboa –
Promover as ligações entre a educação e a saúde 396
- [104] Saúde pública e globalização –
Lutar contra as pandemias, doenças profissionais e desastres ambientais 398
- [105] Cibernética e bioinformática –
A fusão do corpo do homem com o corpo do mundo 402
- [106] Genética e genómica –
O nascimento da bioengenharia humana 405
- [107] Mutações celulares e cancro –
Suscetibilidade, desordem, marcadores de doença 408
- [108] Robótica e nanotecnologias –
O futuro tecnológico da medicina 409

[109] Redes de conhecimento e inovação em Portugal –
Uma área em desenvolvimento 411

[110] Cuidados paliativos –
Morrer com dignidade 414

[111] Medicinas preventiva, baseada na evidência e de translação –
Progressiva cientificação da arte médica 416

[112] Terapêuticas complementares ou alternativas –
O mito da cura natural 418

[113] A emergência da bioética –
Deveres, valores e incertezas sobre a vida 420

[114] Da era industrial à era comunicacional –
Políticas assistenciais num mundo em acelerada mutação 422

Referências 431

Bibliografia 435

Sobre o autor 447

Introdução

Este livro é uma síntese da História da Medicina, com especial enfoque na realidade portuguesa. Ilustrado com centenas de imagens, provenientes de vários museus, bibliotecas e arquivos de todo o mundo, entrelaça a História da Medicina com as artes visuais, o pensamento filosófico, a política, as humanidades, numa perspetiva interdisciplinar. Destina-se não só a historiadores, académicos e estudantes, que aqui podem encontrar informação abrangente e contextualizada sobre a cultura médica e as suas ligações, mas também à classe médica em geral, aos profissionais da saúde e a qualquer pessoa que se interesse pelas questões da cultura científica e da cultura humanística.

A obra começa por descrever algumas civilizações antigas, fundadoras do racionalismo médico, como a egípcia, chinesa, indiana e grega. Percorre a baixa Idade Média, o Ocidente árabe, o Ocidente cristão e a alta Idade Média em que se assiste ao nascimento das universidades, entre as quais a portuguesa. Detém-se no Renascimento, período áureo da civilização ocidental em que Portugal protagoniza momentos de apogeu – a epopeia dos Descobrimentos, que dá início ao processo de globalização económica e política, e a fundação do Hospital de Todos os Santos e criação da rede das Misericórdias, a primeira rede de cuidados de saúde organizada no mundo – e de declínio – a perda da independência e o êxodo de alguns dos seus melhores médicos, muitos deles de origem judaica, que, devido à perseguição movida pela Inquisição, foram forçados a emigrar para outros países. Durante esse período, a ciência médica mergulhou no interior do corpo, aprofundando os conhecimentos da anatomia e da química, base da moderna medicina científica. Nos séculos seguintes assiste-se, no plano político e cultural, à emergência do capitalismo, reforçado pela moral protestante, e à fundação dos primeiros Estados-nações. Sucedem-se a Revolução Científica, a Revolução Industrial, a Revolução Francesa, a Revolução Americana... Até ao final do século XVIII, arte e ciência trabalham lado a lado. No final desse século, arte e ciência separam-se: a ciência da arte dá lugar ao Romantismo e a arte da ciência ao Iluminismo. Em Portugal, a medicina acompanha todos estes desenvolvimentos, mas distanciadamente, sem grande protagonismo, devido a sucessivas crises políticas e económicas.

No século XIX assiste-se, por toda a Europa, ao extraordinário desenvolvimento da medicina científica, graças ao progresso da experimentação e ao aparecimento das modernas teorias da evolução das espécies. Nascem novas disciplinas, como a psiquiatria, e inventam-se novos instrumentos e métodos de diagnóstico, prognóstico e terapêutica. O saber médico especializa-se. Com o aparecimento da teoria germinal das doenças, o ambiente passa a ser olhado como uma ameaça. Afinal, os agentes da doença estão por todo o lado, até no ar que respiramos e na água que bebemos. Funda-se o higienismo, que irá estender a intervenção médica com fins profiláticos a quase todos os setores da sociedade, um campo em que, principalmente através da reforma de Passos Manuel, Portugal toma algumas medidas pioneiras.

No século XX, a tecnociência estende-se praticamente a todas as áreas do saber e da cultura. Nas artes, ao romantismo oitocentista, questionador do progresso científico,

sucede o modernismo novecentista, interessado pelas máquinas, pelo dia a dia das pessoas nas grandes urbes, como se pode ver nas ligações do pensamento artístico à arquitetura, ao *design*, à fotografia, ao cinema e, mais recentemente, à informática e ao vídeo. Na esfera política e social, o século xx é marcado por dois grandes conflitos mundiais que determinam o fim dos Estados imperiais e o início da Guerra Fria.

Em Portugal, no começo do século xx, a ciência médica já alinhava com a dos países mais desenvolvidos economicamente. Alguns médicos portugueses, após estágios no estrangeiro nos melhores centros de investigação, regressam a Portugal para fundarem ou ajudarem a fundar instituições onde criaram importantes escolas de investigação que ainda hoje perduram.

No plano internacional, o colapso do bloco comunista em 1989 veio acelerar o processo de globalização iniciado no Renascimento. Nasce a *Internet*, assiste-se ao incremento de novas tecnologias, cada vez mais sofisticadas, principalmente ao nível das imagens e das comunicações, que tendem a transformar o mundo numa 'aldeia global'. Estabelecem-se novos laços culturais transfronteiriços, que impedem o desenvolvimento de uma cultura única no interior de muitos países. O mundo começa a fragmentar-se em enclaves cada vez mais pequenos, com rendimentos, valores e interesses cada vez mais pessoais – o sentimento de comunidade nacional tende a extinguir-se, à medida que o liberalismo económico baseado no consumo tende a promover o individualismo. A globalização económica e cultural entra na sua fase avançada, longe do nacionalismo económico do século xix.

Apesar das crises políticas, económicas e sociais, a medicina em Portugal, sobretudo a partir da segunda metade do século xx, soube internacionalizar-se, acompanhar as grandes mudanças culturais, ligando-se a estratégias globais no campo da saúde, como a dos cuidados de saúde primários, defendida pela Organização Mundial de Saúde, através de um verdadeiro pacto político e social, que permitiu criar o Serviço Nacional de Saúde e desenvolver uma economia da saúde assente na investigação biomédica.

O livro termina com uma reflexão sobre o futuro do Estado social, a sua sustentabilidade na era da tecnologia avançada, em que o colapso dos Estados-nações, resultante da mudança do conceito de 'povo' gerado pela velocidade das comunicações e consequente multiculturalismo, abre uma crise (de valores) sem precedentes nas sociedades contemporâneas que ameaça pôr em causa os conceitos (tradicionais) de corpo, saúde, humanidade e solidariedade social.